

FENÔMENO BULLYING PELA ÓTICA DOS GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE INHUMA- PI

Ana Alice Gonçalves Oliveira (Autora/Graduanda em Pedagogia – UFPI/CSHNB)

Nádia Rosângela Borges de Sousa (Co-Autora/Graduanda em Pedagogia – UFPI/CSHNB)

Renata Gomes Monteiro (Co-Autora /Professora Assistente da UFPI/CSHNB- Membro do

Núcleo de Estudos e Pesquisa em história da educação e Diversidades Culturais)

Marta Rochelly Ribeiro Gondinho (Co-Autora/Professora Assistente da UFPI/CSHNB-

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em história da educação e Diversidades Culturais)

RESUMO

Esta pesquisa faz um levantamento sobre o *Bullying*, suas possíveis causas e os personagens envolvidos nestas ações, evidenciando o trabalho do gestor escolar como o profissional que tem como uma de suas funções criar um ambiente propício para a aprendizagem. Para o estudo foi realizada uma pesquisa através de um questionário com perguntas abertas e fechadas a fim de identificar o conhecimento dos gestores acerca do bullying. Esse questionário foi aplicado a 19 gestores, perfazendo um total de 11 escolas pesquisadas. Tal pesquisa está fundamentada em autores como: Fante (2005, 2008), Pedra (2008), Chalita (2008) e Silva (2010), utilizados com grande frequência no decorrer de todo estudo. O estudo revela que a maior parte dos gestores pesquisados não sabe diferenciar o bullying de outras agressões que ocorrem no espaço escolar, e que os mesmos só conheceram o bullying a partir da divulgação deste fenômeno na mídia.

Palavra- Chave: Bullying. Escolas. Gestão Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

O bullying um problema de ordem social, que diz respeito aos comportamentos agressivos e antissociais existentes no espaço escolar, e é exercido por crianças e adolescentes que praticam atividades agressivas, que causam danos físicos, morais, materiais ou psicológicos à vítima ou às pessoas que presenciam o ato.

É um ato de violência que segundo Fante (2005, p. 21), apresenta-se de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidatórios e repetitivos prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos. É uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão.

Para reconhecer e identificar o bullying, segundo Olweus (1998 apud FANTE; PEDRA, 2008, p. 40), é necessário que a vítima tenha sofrido ações agressivas podendo variar de duas

ou mais vezes num período letivo escolar, parece pouco, mas se deve levar em conta a desagradável e aversiva experiência emocional vivenciada pela vítima.

No espaço escolar essas agressões se apresentam em alguns casos de forma oculta. O autor (agressor), por meio de “brincadeiras”, consegue intimidar a vítima e fazê-la de refém, sem que os professores ou outros funcionários da escola percebam. Existem casos em que essas ofensas são explícitas, de modo que podem até ser consideradas “normais” pelo professor, até mesmo por não saber como agir diante da situação.

Por ser ainda um problema pouco comentado e estudado no Brasil (os primeiros estudos vieram aparecer somente a partir do ano 2000), não existem pesquisas que forneçam dados concretos do número de casos de bullying ocorridos nas escolas brasileiras. Em nosso país a bibliografia existente é bastante escassa, são poucos os livros que tratam sobre o assunto.

E quando encontramos na literatura algo sobre o bullying, podemos perceber contradições quando na tentativa de definição do fenômeno: uns afirmam que é uma violência que só existe entre pares (neste caso o bullying só é praticado entre alunos), mas outros afirmam que essa prática pode ocorrer entre o professor e o aluno, e deixa de ser uma violência que ocorra somente entre pessoas do mesmo status hierárquico (aluno-aluno, professor-professor). Sendo ainda uma questão a ser resolvida pelos pesquisadores, o melhor critério para se definir o bullying é da existência das práticas agressivas repetitivas dirigidas a uma mesma pessoa ou a um grupo de pessoas, sendo essa uma característica que distingue o bullying de outras formas de violência.

Fante (2005, p.45) afirma que:

Dan Olweus, pesquisador, quem desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema, permitindo diferenciar de outras possíveis brincadeiras próprias do amadurecimento do indivíduo, ele pesquisou inicialmente cerca de oitenta e quatro mil estudantes, de trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, em vários níveis do ensino, e constatou que a cada sete estudantes um estava envolvido em casos de bullying, o que gerou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, reduzindo em torno de 50% dos casos e incentivou outros países europeus a desenvolver programas de apoio e intervenção do problema.

A partir disto as instituições de ensino devem estar preparadas para lidar com essa questão desafiadora, pois as escolas recebem alunos que já vivenciam problemas que desencadeiam uma série de comportamentos agressivos, que é o caso do bullying. Com isso cabe à escola, aos docentes, e principalmente aos gestores escolares trabalhar coletivamente

pelo fim dos problemas que assolam este espaço e pelo processo de qualificação da prática docente.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como as ações dos gestores escolares de escolas públicas do município de Inhuma – PI identificam o fenômeno bullying e como esse fenômeno reflete nas atividades pedagógicas escolares. Além disso, pretende-se: a) identificar os conhecimentos que os gestores tem acerca do processo de agressão reconhecido como bullying; b) verificar se na formação inicial e continuada desses gestores foram abordados temas relacionados às práticas repetitivas de violência; c) descrever ações pedagógicas desenvolvidas pelas escolas públicas e privadas de Inhuma – PI em relação ao bullying.

A pesquisa teve tratamento qualitativo, o que deu visibilidade e aprofundamento o significado da questão para os sujeitos investigados, possibilitando estimativas diversas de análise. O campo da pesquisa escolhido foi zona urbana e rural do município de Inhuma – PI que conta com um total de 11(onze) escolas que oferecem o ensino fundamental maior e o ensino médio. Os participantes foram 19 gestores do município de Inhuma- PI. Foram selecionados 2 gestores por escola, pois a grande maioria das escolas conta com um(a) diretor(a) e um(a) coordenador(a).

Para preservar a identidade das escolas e conseqüentemente dos sujeitos envolvidos, utilizou-se recursos numéricos e alfabéticos. As escolas foram numeradas na ordem de 1 a 11 (Escola 1, Escola 2, Escola 3, etc.), de acordo com a ordem de entrega dos questionários. Os gestores de cada escola foram identificados como gestor A e gestor B, uma vez que participaram da pesquisa apenas dois gestores de cada escola.

2. FENÔMENO BULLYING: CARACTERÍSTICAS, CONSEQUÊNCIAS E ATORES ENVOLVIDOS

Chalita (2008, p.82) classifica o bullying de duas maneiras, direta ou indireta. Direta é mais comum entre agressores meninos, as atitudes mais frequentes são os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetitivos. O indireto é mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social, as estratégias usadas são de difamações, boatos cruéis, intrigas, fofocas, rumores desagradáveis sobre a vítima e familiares entre outros. Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do bullying indireto, uma vez que propagam com mais rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas.

Segundo Silva (2010, p. 22):

Algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de praticar bullying. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bullies costumam vir em “bando”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas formas, como verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual, virtual.

Para Martins (2005 apud ANTUNES; ZUIN, 2008, p.34), o comportamento agressivo caracterizado como bullying é dividido em: diretos e físicos, que são as agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividade servis; diretos e verbais: incluem, apelidar, realizar comentários racistas; e indiretos que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

Independentemente do tipo de bullying praticado ele pode trazer problemas seríssimos às suas vítimas, afetando sua integridade de forma que o envolvido passa a enfrentar dificuldades até mesmo de lidar com as suas relações pessoais. A vítima entra em confronto com sua identidade pessoal e passa a se isolar de tudo. Chalita (2008, p.21) menciona que o universo do agredido se agiganta de tal forma que o medo aprisiona, deixando-o lá dentro, protegido pelo nada. Apenas ali, sem falar muito, sem exprimir alegria ou tristeza, sem revelar a dor.

O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece o surgimento de um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem caladas as mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, as dificuldades de interação social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 10)

Com isso é necessário que a escola tenha o dever de levar esse fenômeno para discussão na sociedade, mobilizando estratégias preventivas, além de estabelecer parcerias com instituições ligadas ao poder público, como: Conselhos Tutelares, Delegacia da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Varas da Infância e da Juventude.

Os atores envolvidos nas práticas agressivas caracterizadas como bullying são: vítima, agressor e espectador, que, dentro de tal fenômeno, apresentam características que os diferenciam, sendo assim possível identificá-los.

É importante conhecer os atores envolvidos nas práticas bullyngistas, para que assim se torne mais fácil desenvolver projetos para intervenção, pois cada ator tem suas características próprias. No caso do agressor, este merece uma atenção especial, pois existe algo no seu convívio social que faz com que desenvolva essas práticas agressivas. Com isso, para se poder buscar medidas adequadas para tratar o bullying, é necessário que a escola e a família façam uma análise de todos os fatores que possam desencadear esse problema.

São vários os personagens envolvidos no bullying. Identificá-los é fundamental, mas com cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma violência. Os participantes da violência dividem-se em agressores ou bullies, em vítimas ou alvos e espectadores ou testemunha. Há também aqueles que são, ao mesmo tempo, vítima e agressores. (CHALITA, 2008, p. 85)

Os agressores são geralmente mais fortes que suas vítimas, agressivos, autoconfiantes, tem prazer em dominar e causar dor, se envolvem constantemente em questões anti-sociais (como o consumo álcool e drogas, brigas), apresentam um baixo índice escolar, não costumam cumprir as regras da escola. Escolhem seus alvos quando percebem que eles tem algo de diferente e que são bem frágeis, uma “presa” fácil de ser pega.

A ABRAPIA¹ (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) e Observatório da Infância² (2010) salientam que os agressores são: a) pessoas com pouca empatia; b) pessoas que gostam de se ver cercadas, admiradas e temidas por outros alunos; c) pessoas que assumem posições de liderança negativa; d) apresentam comportamentos e atitudes freqüentes como agressão, ameaça, discriminação, dominação, humilhação dentre outros.

As vítimas não apresentam bom porte físico e nem recursos para se defenderem, tem poucos amigos, são caladas, passivas ou submissas, apresentando auto-estima cada vez mais baixa. Para Chalita (2008, p.87), são personagens escolhidos, sem motivo evidente, para sofrerem ameaças, humilhações, intimidações. O comportamento, os hábitos, a maneira de vestir, a falta de habilidade em algum esporte, a deficiência física ou aparência fora do padrão de beleza imposto pelo grupo, o sotaque, a gagueira, a raça podem ser motivos para a escolha de uma vítima.

Silva (2010, p. 40) e Fante (2005, p. 72) classificam também os tipos de vítimas: vítima provocadora, aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais conseguem lidar

¹Uma ONG que promoveu e defendeu por mais de 20 anos os direitos de crianças e adolescentes.

²É uma iniciativa do Governo Federal desenvolvida para reunir e acompanhar informações e indicadores sobre as políticas públicas focadas na redução da violência contra crianças e adolescentes no Brasil.

com eficiência, possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz. Nesse grupo encontramos crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. A vítima agressora faz valer os velhos ditos populares “Bateu levou” ou “Tudo que vem tem volta”, ela reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima ainda mais vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso faz com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

Segundo Tognetta e Vinha (2008apud GONÇALVES; ANDRADE, 2010, p.184), os espectadores procuram assumir a posição de fora do jogo, ao mesmo tempo em que tendem a se submeter aos desejos dos atores, não porque concordam com eles, mas por medo de se tornarem alvos futuros e por perceberem que, diante do grupo, é melhor ficarem do lado dos mais fortes. O que diferencia bem os espectadores dos alvos é o fato de os primeiros não demonstrarem tanta fragilidade.

Independente da participação nos atos bullynistas, é preciso que se tenha bastante cuidado com os atores envolvidos, pois o decorrer das ações traz algumas consequências que podem afetar o desenvolvimento educacional, pessoal e social de todos. É necessário que se tenha um maior cuidado com o agressor, pois ele também precisa de ajuda, ele não é um criminoso, e precisa aprender a respeitar e conviver com as diferenças existentes na escola.

3. O BULLYING E AS AÇÕES DOS GESTORES ESCOLARES

Na escola o bullying se desenvolve na sala de aula, durante o recreio, ou nas aulas de educação física. Não há um lugar específico para ocorrência de tal fenômeno, por isso é necessário que o professor, os gestores e todos os funcionários escolares fiquem atentos e evitem as agressões.

Em muitos casos, identificar o bullying não é tarefa fácil, pois o agressor pode utilizar formas veladas de agressão, ele age em silêncio sem demonstrar que está agredindo alguém a partir de olhares, bilhetes ameaçadores, mensagens virtuais humilhantes. É importante que a escola tenha uma equipe preparada para desenvolver políticas preventivas contra o bullying, que tenha a capacidade de preparar seus funcionários para enfrentar e solucionar esse problema.

Com isso, é necessário que os gestores escolares desenvolvam um trabalho que ofereça subsídios para um bom desenvolvimento dos professores em sala de aula, além de incentivar

aprendizagem a partir da interação dos alunos em outros espaços escolares, para assim proporcionar aos discentes um bom desenvolvimento, seja ele, cognitivo, moral, social ou pessoal.

Como bem pontuado por Pinto (2011, p. 77), o profissional de ensino que dá suporte ao trabalho docente deve ter domínio dos procedimentos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem que acontece formalmente na sala de aula, mas do mesmo modo deve ter domínio dos demais procedimentos que envolvem a totalidade das atividades educativas que ocorrem em toda a escola e que estão direta ou indiretamente relacionados com as práticas educativas da sala de aula, é o caso dos gestores escolares.

Diante desses papéis, é importante que a gestão escolar saiba reconhecer o bullying, os autores dessas práticas repetitivas, os tipos de bullying, para que assim possa desenvolver atividades pedagógicas para a diminuição de tal fenômeno, uma vez que uma das principais funções desses profissionais é a manutenção da harmonia no ambiente escolar.

Por mais que seja um tema que vem ganhando destaque na mídia e nas pesquisas científicas, o bullying ainda é um problema bastante complexo, que merece maior atenção por parte dos estudiosos e principalmente dos profissionais da educação.

Alguns gestores das escolas pesquisadas descrevem o conceito de bullying de forma adequada, corroborando os conceitos encontrados na literatura sobre bullying, tais como:

“São práticas agressivas e repetitivas contra um aluno ou grupo de aluno.”

“É algo agressivo e negativo, executado repetidamente e ocorre quando há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Sendo assim, esta prática não está restrita ao contexto escolar, pode ocorrer no trabalho, na universidade ou até mesmo entre vizinhos.”

Os gestores atribuem ao conceito bullying as suas principais características: a existência do desequilíbrio de poder e as ações agressivas repetitivas, além de afirmarem que é uma prática que não se restringe apenas ao espaço escolar.

Constatou-se que alguns gestores não sabem diferenciar o bullying das demais práticas agressivas existentes na escola, pois nem toda agressão pode ser classificada como bullying. Para Fante (2005), o bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com qualquer outra forma de violência, pois, para ser classificado como tal, o fenômeno precisa ocorrer repetidamente, ter um desnível de poder e pode ocorrer em muitos casos de forma velada.

Algumas definições de bullying, apresentadas abaixo, podem ser classificadas como incompletas e indefinidas, são elas:

“É todo e qualquer tipo de agressão física ou verbal sofrida por um indivíduo sem forças iguais para se defender”

“São violências cometidas contra alunos que não sabem se defender.”

É importante lembrar que Fante (2005) afirma que o primeiro passo para prevenção do bullying é conhecer o problema. Isso se torna um grande aliado para a diminuição das práticas bullynnistas nas escolas, uma vez que gestores que tem uma idéia concreta desse fenômeno terão capacidade para instruir os outros profissionais que atuam no espaço escolar, observando, identificando e prevenindo contra o bullying.

Identificar o bullying não é uma tarefa fácil, pois em muitos dos casos ele ocorre de forma velada, já que a vítima passa a sofrer intimidações silenciosas, sem que outras pessoas percebam e isso pode dificultar mais ainda a identificação do problema.

Os gestores citaram que uma das principais formas de identificação de casos de bullying é através de depoimentos dos professores e funcionários que atuam na escola, o que nos leva a pensar que em todo o espaço escolar deve existir a supervisão por parte destes profissionais. Tal supervisão pode ser um fator que contribui para diminuir ou evitar as práticas agressivas existentes na escola. Essa forma de identificação do bullying pode ser vista nas seguintes respostas:

“Através de depoimentos de alguns professores, na hora do intervalo, e nas brincadeiras entre os próprios alunos.”

“Nas conversas com o professor sobre os alunos, nas voltas pelos corredores, durante o recreio.”

Foi citada também como maneira de identificação do bullying a observação do comportamento do aluno, os gestores, com a ajuda dos professores, passam a analisar individualmente o comportamento dos alunos. Essa forma de identificação pode ser vista nas seguintes afirmações:

“Com um olhar atento ao comportamento (mudanças) do aluno e observação de toda a equipe que trabalha na escola.”

“Quando a vitima mostra-se isolado, isola-se do convívio em grupo.”

Fante (2005) anuncia ser necessário evitar equívocos no momento de diagnosticar o bullying, sendo necessário recorrer sempre aos seguintes critérios: ações deliberadas repetitivas e ao desequilíbrio de poder. É importante levar em conta esses critérios para que não se confundam casos de violências comuns que não podem ser classificados como bullying.

Ainda analisando como os gestores educacionais reconhecem o bullying, verificou-se maior parte dos gestores citou as palestras e os projetos de intervenção com a participação da família, como as principais estratégias no combate ao bullying, como pode ser visto na seguinte afirmação:

“Através de palestras, projetos que envolvam toda a equipe escolar em parceria com as famílias, como por exemplo: jogos interativos e colaborativos, dia da família na escola, e incluir na escola o trabalho de um psicólogo.”

As palestras e os projetos de intervenção com a família podem ser estratégias que conscientizam os alunos, a escola e a família sobre as reais consequências que o bullying pode trazer, e é uma estratégia que incentiva a participação de toda sociedade na resolução deste problema que é bastante complexo.

Os gestores atribuem às vítimas características que as definem como frágeis, explicando que é por meio de “brincadeiras” de mau gosto que o agressor acaba intimidando e atingindo a integridade moral da vítima.

“Geralmente são alunos que possuem pouca capacidade de se defender e que são inibidos para solicitar algum tipo de ajuda.”

A incapacidade da vítima de se defender diante das agressões sofridas faz com que seja fácil de atribuir características a quem sofre tal violência. Dentre as principais características atribuídas pelos gestores às vítimas de bullying foram citadas: timidez, crianças que não tem muitas amizades, sujeitos frágeis, retraídos tanto na escola quanto no lar, tem fragilidade na estrutura física e psicológica. Sem deixar de mencionar que são crianças ou adolescentes que apresentam poucas habilidades sociais e comunicativas, apresentam personalidade tímida e insegura, a vítima é normalmente uma presa fácil como afirma um gestor:

“De certa forma percebo que são sujeitos frágeis e vulneráveis, que por sua vez, facilitam a ação dos agressores.”

Alguns gestores citaram a cor da pele, algumas características físicas como o tamanho das orelhas, a posição dos olhos e o peso, o distúrbio de fala e pensamento, o baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, a falta de acompanhamento dos pais e as deficiências físicas como motivo de zoação por parte dos agressores, o que pode contribuir para que os agredidos desenvolvam efeitos negativos, como a tendência ao isolamento e à depressão.

Para ser uma vítima dessas agressões repetitivas basta apenas fugir ao padrão imposto pelos agressores. Independente de qual seja esse padrão, qualquer criança ou adolescente pode ser vítima desta violência, tanto que até mesmo os alunos que tem as melhores notas, que são

participativos e os que apresentam um bom comportamento podem também ser vítimas dessas práticas, como é citado por dois gestores:

“Os alunos tímidos que não tem muitas amizades, alunos que se destacam em notas e ainda aqueles que querem chamar a atenção, ou seja, se expõe demais.”

“São crianças espertas, participativas”.

Ao serem questionados sobre o rendimento escolar dos alunos violentos, os gestores disseram que eles na maioria das vezes não participam das atividades propostas pelo professor, com isso não tem um bom rendimento escolar. Essa afirmação foi condizente com Silva (2010), quando ela afirma que o rendimento escolar desses alunos costuma ser regular ou deficitário, mas que em hipótese alguma isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem.

Outra causa citada é que em alguns casos as crianças e adolescentes apenas repetem as agressões que sofrem em casa, são crianças criadas sem nenhum tipo de afeto, e que passam a agir agressivamente como uma forma de se defenderem ou se imporem diante dos colegas, como explicam os gestores:

“Na maioria das vezes sua agressividade é movida por uma base familiar deficitária, com comportamentos agressivos entre os próprios familiares, estimulando-os a impor seu poder a fim de conseguir o que deseja.”

“Na maioria das vezes ao meio em que a criança ou adolescente está inserido, pois se essa criança vem de um seio familiar onde existem muitas agressões, com certeza ele pode ser tornar uma pessoa agressiva.”

Embora a família tenha papel fundamental na formação moral do sujeito, ela não pode ser considerada como única responsável pelo comportamento inadequado dos seus descendentes, tanto que em uma das respostas dos gestores são citados os meios de comunicação e a própria sociedade, como fatores que contribuem para práticas agressivas.

No nosso país pesquisas relacionadas ao bullying ainda são muito recentes, o que se torna um fator negativo na identificação e intervenção do problema. Isso é tão notável que oito dos gestores pesquisados afirmaram que durante sua formação inicial não estudaram conteúdos relacionados ao bullying. Afirmaram que se trata de um assunto atual que não teve grande repercussão durante o tempo em que cursaram suas graduações.

Os demais gestores que afirmaram terem estudado tal fenômeno o viram de forma bastante restrita, de modo genérico e superficial, mas afirmaram que tem como obrigação procurar aprender o que é o bullying e como lidar com essas situações, pois as atitudes provocadas por esse problema não devem ser ignoradas pelo professor, diretor e demais

servidores, fato que contribui para que estes profissionais estejam buscando conhecimento acerca deste problema que vem ganhando mais espaço tanto no âmbito educacional quando midiático.

Gestores citaram que conheceram melhor o problema bullying através de palestras, reportagens, filmes e documentários. Somente dois gestores afirmaram nunca terem visto falar algo sobre esse fenômeno, fato que se torna intrigante, pois é um problema que, segundo Fante; Pedra (2008), vem ganhando espaço nas mídias, principalmente após as tragédias ocorridas em inúmeras escolas de diversos países, quando se tornou notório o crescente interesse da imprensa de conscientizar, discutir e alertar a sociedade para esse fenômeno psicossocial. Podemos afirmar esta passagem até mesmo na resposta de um gestor:

“É impossível alguém dizer que não assistiu, pois é um assunto divulgado pela mídia nos últimos anos.”

Os filmes, as revistas, os livros foram bastante citados pelos gestores como um meio utilizado para conhecer o bullying, como pode ser visto nas seguintes afirmações:

“Tive o prazer de assistir um filme sobre o bullying virtual, onde a família da vítima recorreu o tratamento psicológico e a um grupo de pessoas com o mesmo problema para conversar sobre o tema e comisso se sobressaíram muito bem.”

Portanto, por mais que o bullying seja um problema recente para a realidade das escolas brasileiras, já existem meios que facilitam e dão suporte aos educadores no conhecimento de tal fenômeno, para que assim esse problema deixe de trazer tantos malefícios ao campo educacional. Com isso só depende dos gestores buscarem esse conhecimento e difundirem entre os profissionais que atuam no espaço escolar, para assim terem suporte para desenvolver estratégias que diminuam ou acabem com as práticas agressivas repetitivas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nota-se que saber identificar o bullying não é uma tarefa fácil, devido ser um tipo de agressão que em muito dos casos apresenta-se de maneira silenciosa e, em outros, quem presencia não denuncia por medo de se tornar a próxima vítima. Diante disso é necessário que os gestores adotem critérios para a identificação do bullying.

Ao analisar o conhecimento dos gestores sobre o bullying, notou-se que a maior parte deles não sabe conceituar tal fenômeno, pois define bullying como qualquer forma de agressão que ocorre no espaço escolar e não como uma agressão repetitiva que tem como objetivo humilhar e excluir a vítima. É importante que os gestores saibam diferenciar o

bullying das outras agressões que existem, pois nem toda agressão pode ser considerada bullying. E isso se torna preocupante, porque o gestor que não sabe diferenciar o bullying das outras formas de violência, não está apto a desenvolver estratégias de combate a esse problema.

O fato de os gestores não saberem definir o bullying pode estar ligado à questão de que muitos deles não tiveram a oportunidade de conhecer esse tema durante a sua formação inicial e continuada, e isso pode ser explicado tomando como base a ideia de que o tema ganhou a atenção por parte dos pesquisadores brasileiros somente a partir do ano 2000.

Pode-se perceber que o pouco conhecimento que os gestores têm sobre bullying foi adquirido através do meio midiático, pois o mesmo vem divulgando e mostrando o que é esse fenômeno, suas possíveis causas e as conseqüências que podem trazer aos envolvidos.

Os meios de comunicação têm facilitado o conhecimento por parte de todos sobre este problema mundial, portanto, cabe aos gestores (que tem como principal função tornar o espaço escolar um ambiente tranquilo) pesquisar e entender o bullying, para que assim possam desenvolver ações que contribuam para o fim dessas agressões repetitivas

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie a educação. *Psicologia& Sociedade*, n. 20, v.1, p. 33- 42, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 19 dez. 2012.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da Amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo. Editora Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ºed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

GONÇALVES, Catarina; ANDRADE, F. C. B. O Currículo do bullying na novela da vida. *Espaço do Currículo*, v.2, n. 2, p. 181- 195, Setembro de 2009 a Março de 2010. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA-04.pdf>. Acesso em 19 dez.2012.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia Escolar**: coordenação pedagógica e gestão educacional. São Paulo: Cortez, 2011.